

ENZO DEGANI
(1934-2000)

Não lhe vi um sorriso aberto, em dois dias – que poucos são – de convivência na universidade coimbrã. Nem um aceno de atenção à paisagem circundante ou à literatura moderna do seu país. Degani reflectia a imagem do professor pragmático e rigoroso, absorto nos seus interesses filológicos, que se centraram, muito cedo, na literatura e na lexicografia da helenidade antiga.

Mas era a *species* redutora de um homem que sangrara a subir, por mérito de uma inteligência arguta e de um trabalho insano, os penosos degraus da carreira universitária. Licenciado pela Universidade de Pádua com uma tese valiosa sobre *Aiôn: da Omero ad Aristotele* (discutida em 1958, publicada em 1961), serviu um decénio, como assistente, a universidade de Cagliari, onde se multiplicaram, nos *Cuaderni di filologia classica*, os seus contributos sobre o léxico de Hesíquio. Após a livre-docência (1965), triunfou em concurso público para catedrático da universidade de Bolonha (1969). Tinha apenas trinta e cinco anos.

Nas suas aulas, nos seus seminários, escrupulosamente preparados e calorosamente seguidos, advogava o trabalho de equipa e repetia amiúde a frase de Vitelli: «Crítica e interpretação não encerram toda a filologia – mas sem elas não há filologia.»

A vida de Degani foi um exemplo de dedicação incessante e frutuoso aos temas que privilegiava. Publicou, na Teubner, uma edição crítica fundamental dos fragmentos de Hipónax (1983), logo seguida dos *Studi su Ipponatte* (1984); algumas dezenas de livros sobre o teatro grego e sobre a filologia clássica italiana; e centenas de artigos sobre lexicografia grega. Ensinou, como professor visitante, em numerosas universidades europeias e sul-americanas e dirigiu, com fervor, a revista *Eikasmós*, onde se comprazia em publicar os seus artigos e os artigos dos alunos da sua escola.

Flagelado, nos últimos tempos, por uma doença incurável, teve de abandonar (temporariamente – afirmava) a sua cátedra de Literatura Grega. Ainda prometia regressar às aulas na primavera de 2000. A primavera chegou – mas de braço dado com a morte.

Degani deixa uma obra e um exemplo: os seus discípulos se encarregarão de florir o chão que semeou.

WALTER DE MEDEIROS